

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Folha de S. Paulo	1
Título: Impacto político do coronavírus e do petróleo	1
VEÍCULO: O Globo.....	3
Título: O sol por testemunha: um Espírito Santo.....	3
Título: Um governo no Twitter, a nova tribuna da República	3

VEÍCULO: Folha de S. Paulo
Data: 15/03/2020
Seção: Colunas
Autor: Celso Ming
Título: Impacto político do coronavírus e do petróleo

Não há ainda um mínimo de clareza a respeito dos desdobramentos do duplo choque, do coronavírus e do petróleo. Mas já se esboçam impactos sobre as relações de poder, no exterior e por aqui. O mais importante deles sugere enfraquecimento da força do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, porque seu jogo unilateralista ficou disfuncional e, por isso, passou a ser

fortemente questionado diante da maior necessidade de coordenação global de políticas entre as grandes potências. E, também, porque algumas áreas que o apoiam estão agora prostradas e mais propensas a mudar de lado. O setor da economia dos Estados Unidos mais atingido pela derrubada dos preços do petróleo é o do óleo e gás de xisto, responsável pela produção de aproximadamente 10 milhões de barris ou equivalentes por dia, mais do que as exportações da Arábia Saudita até agora.

Se os preços do barril persistirem à altura dos US\$ 30, grande parte dos produtores desse segmento quebrará ou será obrigada a suspender a produção por tempo indeterminado, porque opera a custos bem mais altos. Isso implicaria perda de renda e enfraquecimento fiscal de importantes Estados do Sul do país e de municípios que vinham apoiando Trump. O vigor da economia, apontado como grande trunfo eleitoral do presidente, pode deixar de ser tão estratégico, como foi até agora. A ação da Rússia, crucial na decisão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) de derrubar os preços, parece ter sido, também, de represália ao governo Trump, pelas sanções por ele impostas a empresas europeias participantes do projeto de construção das instalações do gasoduto Nord Stream 2, desenhado para facilitar as exportações russas para a Europa, principalmente para a Alemanha. Ou seja, a Rússia, que dizem ter ajudado Trump nas eleições de 2016, agora parece estar no lado oposto. E tem as relações com Pequim.

Se pretendia voltar a acirrar a guerra comercial, Trump também ficou sem justificativa para isso, diante do impacto da queda do PIB da China sobre a economia mundial e sobre a dos Estados Unidos. Também nesse caso, a reconfiguração geopolítica não ajuda o presidente Trump. Como lembrado acima, este é um momento em que é preciso coordenação global contra o alastramento do coronavírus, empreendimento que exige aprofundamento das relações de confiança entre os governantes globais. Mas a capacidade de inspirar confiança não é qualidade que pode ser apresentada por um governante que refuga a defesa dos valores globais e, em vez disso, trombeteia que os interesses americanos virão sempre em primeiro lugar. E essa peculiaridade deverá ter influência na condução da política durante e depois do coronavírus. Importante será também ver como se comportam as relações entre os membros da União Europeia.

O sócio mais vulnerável agora é a Itália. Num momento em que a solidariedade do bloco vem sendo questionada, especialmente pelo Brexit, e em que dentro dele proliferam movimentos xenófobos e separatistas, será preciso ver até que ponto a integração entre os países-membros vai ser atendida. Aqui no Brasil algumas coisas novas já acontecem. Uma delas é o acirramento da ação dos congressistas contra o presidente Bolsonaro. A derrubada do veto no caso da concessão do Benefício de Prestação Continuada (BPC), na semana passada, é

indicação disso. Se o coronavírus se alastrar no Brasil, as atividades dos congressistas poderão ficar reduzidas e, nessas condições, a aprovação dos projetos de reforma poderia ficar prejudicada, fator que poderá, por si só, derrubar a confiança na condução da política econômica.

A decisão de evitar manifestações políticas de rua prejudica não só as forças que apoiam Bolsonaro, mas também as esquerdas mais radicais, que sempre apelaram para movimentos de massas. E, by the way, é também fator capaz de desmobilizar as manifestações da direita populista na Europa. A hora é de unificação de forças aqui no Brasil, destinada a enfrentar problemas de enorme gravidade. Mas até agora não apareceram lideranças capazes de conduzir um processo dessa natureza. O clima interno ainda é de forte polarização, de rejeição ao diálogo e de definição de compromissos. Os tempos estão a exigir uma economia de guerra, a ser conduzida num regime democrático. Isso exige sólida união interna e alta capacidade de superação de divergências. Mas, por enquanto, o Brasil ainda é um país dividido.

VEÍCULO: O Globo

Data: 15/03/2020

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: O sol por testemunha: um Espírito Santo

O uso massivo de energia solar por aqui, que até pouco tempo atrás parecia uma coisa improvável, está se transformando numa realidade impressionante. Somente nos dois primeiros meses do ano, pouco mais de 230MW foram instalados nos telhados de casas, fazendas e do comércio. Pelas projeções do Instituto Acende Brasil, até dezembro o país terá uma geração instalada desse tipo de energia de 1.887MW. Isso é suficiente para atender aproximadamente 1,5 milhão de residências, ou 4 milhões de pessoas.

Ou seja...

Uma população aproximada à do estado do... Espírito Santo! Não é pouco.

VEÍCULO: O Globo

Data: 15/03/2020

Seção: O País

Autor: VICTOR FARIAS

Título: Um governo no Twitter, a nova tribuna da República

Levantamento dissecou o uso da rede social, local de demissões e nomeações no governo, por 17 dos 22 ministros

Local de anúncios de demissões, nomeações e até mesmo de diagnósticos de coronavírus, o Twitter ganhou importância com a chegada do presidente Jair Bolsonaro ao Planalto, funcionando quase como a principal tribuna da República. Atualmente, dos 22 cargos com status de ministro, 17 contam com perfil na rede social. Somente **Bento Albuquerque, de Minas e Energia**; Paulo Guedes, da Economia; Fernando Azevedo e Silva, da Defesa; general Braga Netto, da Casa Civil; e o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, não têm conta no Twitter.

Entre os que têm, alguns são mais populares na Esplanada que outros. É o que indica um levantamento feito pelo GLOBO nas contas do Twitter do presidente, do vice-presidente, dos três filhos de Bolsonaro com cargo político e dos 17 ministros com perfil na rede social.

O ministro da Justiça, Sergio Moro, por exemplo, é seguido por 20 dos 21 perfis considerados. Já o ministro da Educação, Abraham Weintraub, conta com 14 followers, uma menos que seu antecessor, Ricardo Véliz, que ficou apenas quatro meses no cargo.

Dos 22 perfis, somente o presidente é seguido por todos os demais. Depois dele vêm os ministros da Cidadania, Onyx Lorenzoni, e Moro. Eles só não são seguidos pelo vice-presidente, general Hamilton Mourão, cujo perfil segue somente três contas: @Planalto, @GovBR e @JairBolsonaro.

Apesar disso, Mourão é seguido por 19 contas consideradas no levantamento. Ele divide a 3ª. posição do ranking com os ministros da Justiça, Sergio Moro; do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), general Augusto Heleno; da Agricultura, Tereza Cristina; e da Infraestrutura, Tarcísio Gomes, além de Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro. Mourão só não é seguido pelo ministro da Educação. O mesmo ocorre com Carlos Bolsonaro, de quem já sofreu ataques públicos na rede social.

Os três filhos de Bolsonaro também não são seguidos por Moro.

Entre as mais de 19 mil contas seguidas pelos membros do levantamento, alguns parlamentares e governadores se desta-seguido por 18 dos perfis considerados, está o ex-ministro da Cidadania, o deputado Osmar Terra (MDB-RS). Em seguida vem a deputada bolsonarista Carla Zambelli (PSL-SP), com 17 seguidores. Com um seguidor a menos, aparecem o líder do governo na Câmara, major Vitor Hugo (PSL-GO), e a deputada Bia Kicis (PSL-DF).

Além de políticos, a rede social de um ministro tem espaço para a cena pop internacional. Katy Perry, Rihanna, Justin Bieber e Justin Timberlake são seguidos pelo ministro da Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes. A lista das 131

contas seguidas pelo ex-astronauta inclui ainda a apresentadora do “Mais você”, Ana Maria Braga; a Suzy da novela “O outro lado do paraíso”, Ellen Roche; e o ex-piloto de Fórmula 1 Rubens Barrichello.

O pesquisador de relacionamentos nas redes e professor da Faculdade Cásper Líbero Marcelo Santos explica que existem diferentes tipos de relação nas plataformas, e o que indica uma conexão forte é o diálogo, não o fato de seguir ou não seguir. Ele afirma, no entanto, que, no caso de figuras públicas, muitas vezes o seguir ou não alguém não é uma mensagem para a outra pessoa, mas para o público.

—Tudo o que é construído na rede pode, e muitas vezes é, feito para atingir a rede, e não os atores que estão diretamente envolvidos — comenta o pesquisador.

Santos lembra que as redes digitais têm uma conexão direta com as redes físicas e pondera que não se pode supervalorizar nem subdimensionar o que acontece na internet.

— A gente precisa sempre se lembrar de que a rede social é uma só: no digital e no não digital — completa.

MME / ASCOM .